TERRITÓRIO E CIDADANIA
Revista vinculada à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) Seção local de Vitoria

# Geofilosofia de Nietzsche: da Terra à geograficidade

## *Nietzsche's geophilosophy: from Earth to geographicity*

## *Geofilosofía de Nietzsche: de la Tierra a la geografidad*

**Jahan Natanael Domingos Lopes**
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, São Paulo, Brasil
jahan_natanael@hotmail.com

**RESUMO**

Através do espírito do Romantismo, coligando a razão e a emoção, conduz-se a uma perspectiva entre a idealidade e a realidade. Enquanto *core* constituído pelo contexto alemão do século XIX, destrincha-se Friedrich Nietzsche (1884-1900), um geógrafo da filosofia, em abertura do pensamento geofilosófico a partir da genealogia da Terra. Nessa orientação, encontra-se a conversão da experiência (pela natureza) com a existência (pelo humano), enlaçando o homem na natureza e a natureza no humano. Disso, chega-se à geograficidade, perpassada por múltiplos territórios e paisagens, tida como a natureza humana. Conforme as fases do pensamento nietzschiano – do pessimismo romântico, do positivismo cético e psicofisiológico e do positivismo trágico –, dimensiona-se a geograficidade, respectivamente, pela prospecção da Terra ao encontro da verdade; pela experiência existencial da Terra e pela superação existencial com a experiência do corpo irradiado. Assim, pela geofilosofia, a geograficidade é a natureza humana orientada pelos mundos estilhaçados sobre a Terra.

**PALAVRAS-CHAVE:** pensamento geográfico; genealogia; Corpo-Terra.

**ABSTRACT**

Through the spirit of Romantism, combining reasoning and emotion, a perspective between ideality and reality is conducted. As *core* constituted by the German context of the nineteenth century, Friedrich Nietzsche (1884-1900), a geographer of philosophy, is unraveled in opening of geophilosophical thought based on the genealogy of the Earth. In this orientation, we find the conversion of experience (through nature) with the existence (by the human), linking man in nature and nature in man. From this, we arrive at geographicity, permeated by multiple territories and landscapes, taken as human nature. According to the Nietzschean thought – romantic pessimism,

skeptical and psychophysiological positivism, and tragic positivism – geographicity is dimensioned, respectively, by prospecting the Earth to find the truth; through the existential experience of the Earth and the existential overcoming with the experience of the irradiated body. Thus, through geophilosophy, geographicity is the human nature oriented by the shattered worlds upon the Earth.

**KEYWORDS:** geographical thinking; genealogy; Body-Earth.

## RESUMEN

A través del espíritu del Romanticismo, al unir la razón y la emoción, se conduce a una perspectiva entre la idealidad y la realidad. Como núcleo constituido por el contexto alemán del siglo XIX, se desentraña Friedrich Nietzsche (1884-1900), un geógrafo de la filosofía, en la apertura del pensamiento geofilosófico a partir de la genealogía de la Tierra. En esta orientación, se encuentra la conversión de la experiencia (por la naturaleza) con la existencia (por lo humano), entrelazando al hombre con la naturaleza y la naturaleza con lo humano. De esto, se llega a la geograficidad, atravesada por múltiples territorios y paisajes, considerada como la naturaleza humana. De acuerdo con las fases del pensamiento nietzscheano – del pesimismo romántico, del positivismo escéptico y psicofisiológico y del positivismo trágico –, se dimensiona la geograficidad, respectivamente, por la prospección de la Tierra en busca de la verdad; por la experiencia existencial de la Tierra y por la superación existencial con la experiencia del cuerpo irradiado. Así, a través de la geofilosofía, la geograficidad es la naturaleza humana orientada por los mundos fragmentados sobre la Tierra.

**PALABRAS CLAVE:** pensamiento geográfico; genealogía; Cuerpo-Tierra.

## Introdução

> *Os homens póstumos – eu, por exemplo*
> *– são menos compreendidos que aqueles que são conformes*
> *à sua época, mas os escutamos melhor. Para me expressar mais*
> *com mais exatidão ainda: jamais somos compreendidos*
> *– e é disso que provém nossa autoridade...*
>
> (Nietzsche, 2020, p. 13)

Em profusão do Romantismo do século XIX, as correlações entre o Homem e a Natureza tecem um sentido geográfico em prol da fuga de uma dicotomia. Do mesmo modo, provoca-se um projeto de superação desse impasse pela indagação da existência em si mesma: "Se o século XVIII fora marcado pela objetividade, pelo Iluminismo e pela razão, o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo eu" (RIBEIRO, 2010, p. VI). Dessa diretriz, aponta-se para um movimento espraiado pelo integral – subjetivo e objetivo – conhecimento humano, afinal: "O que é o Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo isto junto e cada item separado" (GUINBERG, 1993, p. 13). Com isso, o imperativo humano é evocado como guia para as múltiplas abordagens de um pensamento ou mesmo de um modo de pensar para além dos escopos da objetividade, da racionalidade e da realidade.

Doravante ao processo histórico-epistemológico do Romantismo – cujo *core* epistêmico, deu-se na Alemanha do século XIX – a concepção da existência aflora em uma ontologia presente no pensamento Ocidental. Ademais, os sujeitos influenciados transcendem, ao passado e ao futuro, esse liame histórico: "O Romantismo é uma época. O romântico é uma postura de espírito que não está limitada a um tempo" (SAFRANSKI, 2010, p. 16). Ser considerado romântico, portanto, abarca traçar paralelos às ideias que albergam essências historiográficas. O emocionalismo romântico, da experiência sensível à sensação existencial, desabrocha-se em diversas posturas egoicas: "É uma forma de sentir que se exprime essencialmente através do individualismo, do subjetivismo, da idealização, do sentimentalismo, do egocentrismo, da natureza, do historicismo e do nacionalismo" (RIBEIRO, 2010, p. 70). A aproximação rumo ao ser humano, com toda sua potencialidade paradoxal – entre o bom e o mau (moral), entre o bem e o mal (ética) e para além desses conceitos –, alude aos princípios pós-idealistas enlaçadores da humanidade no epicentro da naturalidade.

O Homem não é Natureza, mas constrói o seu império existencial transpassando-a, isto é, superando-a. Atenta-se, para todo o trabalho, que pa-

lavras iniciadas por maiúsculas são categorias e por minúsculas, conceitos. Ademais, depreende-se que: "a Natureza tenderá a ser, mais do que mera paisagem neutra, fornecedora de imagens e motivos, um núcleo significativo enquanto polo de contraposição ao espaço subjetivo, que se expande e se revela através dos vínculos que estabelece com o mundo exterior" (MOISÉS, 1977, p. 83). Daqui, a contemplação panteísta, personificando a natureza, é entendida, em sua gênese, na poética romântica. Ainda, na interligação entre o espírito humano e o espírito natural, faz-se a questão do gênio: "Talento originário para a arte, faculdade e dom inato, intuição e predestinação, o gênio tornou-se, no Romantismo, o mediador entre o Eu e a Natureza exterior" (NUNES, 1993, p. 61). Então, o papel intelectual do gênio é de mediação, animando, de modos integrado e dialético, ambos os espíritos, natural (real) e humano (ideal), em uma dinâmica autocontida em si mesmos e em relação um ao outro tecendo, assim, o espaço subjetivo e o espaço natural.

Da abertura do contexto desse movimento, um romântico em especial, um gênio em particular, será discutido com profundidade: Friedrich Nietzsche (1884-1900). O objetivo de situar esse autor está em convocar a proposição geográfica de sua obra, a saber, uma geograficidade que lhe é própria. Define-se, para tanto, que: "uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino" (DARDEL, 2011, p. 1-2). O modo de ser geográfico, entre a Terra e o Mundo, convida a uma discussão, tanto integrada, quanto independente, entre a Natureza e o Homem do pensamento romântico, ao que: "Em nossa perspectiva, a filosofia nietzschiana manteve encontros significativos com a Geografia fenomenológica de Dardel" (DAVIM, 2015, p. 5330). Nesse prelúdio direto acerca da proposição a ser discutida, tem-se o intento de desvelar a geograficidade desenvolvida propriamente na obra nietzschiana.

A geograficidade, em princípio uma questão existencial, ao vincular o corpo e a consciência, abre-se para uma questão coexistencial da Modernidade. Diz-se essa afirmação a fim de defender a seguinte orientação: "o estudo sobre o romantismo, que tanto influenciou a gênese da Geografia moderna, pode nos auxiliar a repensar as matrizes da geograficidade da modernidade" (VITTE; SPRINGER, 2010, p. 10). Nesse sentido, no encontro entre o pensamento nietzschiano e o pensamento dardeliano – isto é, na abertura conceitual de Eric Dardel (2011) dos espaços: geométrico, material, telúrico, aquático, aéreo e construído –; confirma-se que: "Nietzsche corresponde, em primeiro lugar e de maneira mais direta, ao conjunto de imagens que anunciam algumas das qualidades centrais dos espaços aéreos e telúricos

da geograficidade de Dardel" (DAVIM, 2015, p. 5339). Entre a Terra e o Céu, têm-se o espaço e o tempo na configuração de uma geograficidade nietzschiana. Desse caminho, prospera-se uma relação fortuita ao desvelamento da filosofia geográfica do pensador alemão.

Com mais precisão, a perspectiva analítica do conceito da geograficidade em manifestação no pensamento nietzschiano corrobora com a ligação entre a Filosofia e a Geografia. Essa sentença é tecida de modo direto e explícito: "Nietzsche, aquele que 'fundou a geofilosofia"[1] (GÜNZEL, 2003, p. 78). Sob esse aspecto, permite-se dizer que a geofilosofia perpassa uma discussão centrada no Homem, mas incutido pela Natureza. Nesse contato, concernido pela junção terrena, delimitam-se cinco noções de Terra: "São elas: (1) terra como mundo-aquém, (2) terra como cosmo, (3) terra como subtaneidade, (4) terra como topos-poético e (5) terra como horizonte humano" (DAVIM; MARANDOLA JR, 2018, p. 732). Ao mais, mantendo a independência das categorias (Homem e Natureza), pela boca de Zaratustra averígua-se uma relação negativa entre elas: " 'A terra' – disse – 'tem pele e essa pele sofre enfermidades. Uma dessas doenças, por exemplo, chama-se 'homem'" (NIETZSCHE, 2017, p. 134). Há uma tensão entre a naturalidade e a humanidade, dispondo tanto o homem, como sofrimento terreno, quanto o terreno, como sofrimento humano.

1. Tradução livre de: *"Nietzsche the one who 'founded geophilosopy".*

Por mais, o cerne da discussão geográfica do Romantismo está na filosofia da natureza, cujo coração é a filosofia do homem. De outro modo, pode-se dizer: "A humanidade não se encontra em oposição à natureza; em relação ao homem ela é a verdadeira realização da sua natureza" (FALBEL, 1993, p. 27). A natureza admite-se pelo Homem como Natureza independente do homem. Nessa concepção, insere-se Nietzsche em uma noção aberta para com a Natureza: "O naturalismo de Nietzsche é um tipo de naturalismo que respeita as *Wissenschaften* [ciências] e se vale delas [...], mas que não se identifica com elas, não deposita nelas todas as suas esperanças, e nem tampouco extrai delas todas as suas inspirações. " (SCHACHT, 2011, p. 39). Por esse contexto, há o instinto filosófico próprio da perspectiva nietzschiana, relacionando-se com a ciência geográfica dos naturalistas, porém sem que ela determine uma leitura de mundo em busca do natural, ao contrário, há uma procura incessantemente do humano.

Pela discussão introdutória, chegou-se a um dos encontros entre a filosofia e a geografia através de Nietzsche. Tal conexão é a geofilosofia, admitindo sentidos para a concepção da relação Homem e Natureza: autocontidos, independentes e relacionais. Nisso, perscrutar-se-á, em específico, a geogra-

ficidade nietzschiana em possibilidades rentes à experiencialidade pela Terra e à existencialidade pelo Mundo. Desse modo, para a abertura da geograficidade em Nietzsche, instigam-se duas seções: a primeira, analisando-se a geofilosofia como genealogia da Terra e a segunda, adentrando-se no percurso da obra nietzschiana ao desenvolvimento do pensamento geográfico sobre a Terra. Horizonta-se, por fim, a experiência de situar a geografia em uma questão existencial promovida pelo filósofo em sua articulação entre a humanidade e a naturalidade.

## Geofilosofia: entre a experiência e a existência

> *A filosofia é uma geofilosofia, exatamente como a história é uma geo-história, do ponto de vista de Braudel. Por que a filosofia na Grécia em tal momento? Ocorre o mesmo com o capitalismo, segundo Braudel: por que o capitalismo em tais lugares e em tais momentos, por que não na China em tal outro momento, já que tantos componentes já estavam presentes lá? A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência. Ela arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um "meio".*
>
> (Deleuze; Guattari, 2010, p. 115)

O caminho de pensamento construído por Nietzsche é deveras original e, adentro das idiossincrasias de sua obra, é pleno de relações com a geografia. Com isso, salienta-se a intenção de seu recurso geográfico: "Nietzsche tenta construir uma cartografia da filosofia – passada, presente e futura – em termos de como ela se descreve, se redescreve e se inscreve dentro de territórios e espaços"[2] (SHAPIRO, 2008, p. 9). Para mais, tem-se a compreensão do sujeito imerso na Natureza por sua interioridade natural, assim como a compreensão do natural emerso do Homem pela externalidade humana. Dito isso, ao enfoque de um eu geográfico, orienta-se que a "perspectiva nietzschiana é diferente, pois consciência é a crença no 'eu' do sujeito racional e superior do cosmos, o qual é uma ilusão metafísica do pensar, e o inconsciente não é seu antípoda, mas as forças imanentes da Natureza [...]" (FERRAZ, 2017, p. 24). Nesse sentido, a geograficidade nietzschiana alicia o Homem e a Natureza em uma justaposição imiscível, rente de energia à disjunção entre o consciente (humano, transcendente) e o inconsciente (natural, imanente). Isso em busca de um aprofundamento geográfico do ser humano visando à natureza para a subjetivação da existência em si mesma.

Por esse intento, a tessitura geográfica elaborada pelo filósofo alemão configura-se em uma íntegra correlação terrena da humanidade. Com efei-

2. Tradução livre de: *"Nietzsche attempts to construct a cartography of philosophy – past, present and future – in terms of how it descibres, redescribes, and incribes itself within territories and spaces".*

to, concorda-se que: "Nietzsche pode ser visto como um dos grandes geógrafos, embora em suas ferramentas de escrita – o martelo, a máquina de escrever, a genealogia, a destruição – ele se oculta ou está, frequentemente, subentendido" (WAINWRIGHT, 2022, p. 174). Perpetra-se, assim, em um quadro de concepções genealógicas da geograficidade, isto é, do pensamento geográfico existencial. Por essa vereda, considera-se, por exemplo, o conceito de vontade ao que: "Dardel faz questão de utilizar a 'vontade', pelo viés do empreendimento nietzschiano, em seu sentido niilista (vontade de verdade objetiva) [...], também há passagem em que o seu sentido afirmativo-primitivo, 'vontade intrépida de correr o mundo', é anunciado" (DAVIM; MARANDOLA JR, 2020, p. 107). A influência de Nietzsche para a geografia é delineada por considerar a experiência e a existência na constituição do mundo, em uma geograficidade expansiva e bruta, ou seja, atravessada por conceitos com expressividades, tanto poética, quanto crítica.

Há mais. A geograficidade permite um sentido de compreensão existencial do homem, situando-o em paisagens circundantes à condição de irradiar o seu ser natural para o entorno geográfico: constituindo-se pelo *entre* e, de outro modo, pelo *além*. Ademais, a assertiva geográfica é direta ao pensamento geográfico moderno, haja vista que: "Nietzsche foi um pensador atento à produção científica de muitas disciplinas [...]. O filósofo pôde estudar as principais publicações dos expoentes da tradicional escola alemã como a *Antropogeografia* de Friedrich Ratzel e o *Cosmos* de Alexander von Humboldt" (DAVIM; MARANDOLA JR, 2018, p. 299). Assim, imputa o autor um sentido de natureza circundante e penetrante ao Homem como uma erva daninha (para falar de modo pós-moderno). Pelo próprio filósofo, lê-se: "Na verdade, o homem é um rio poluído. É preciso ser um mar para, sem se poluir, receber um rio poluído. Pois bem, eu vos anuncio o super-homem. Ele é esse mar. Nele, vosso grande desprezo irá se perder" (NIETZSCHE, 2017, p. 18). Nesse caminho, percebe-se a natureza humana através de uma estética negativa, ainda germinal, necessitada de uma reação, de um avanço e, ao mais, de uma transformação pela vontade de potência.

Enquanto progenitor do conceito de geofilosofia, tem-se em Nietzsche um precursor de uma perspectiva geográfica fundante da orientação acerca da geograficidade. De modo primeiro, entende-se que pela relação com: "a filosofia da natureza, descrita pelos filósofos pré-socráticos, o estudo da geofilosofia desenvolve o pensamento em sintonia com a terra, admitindo instâncias íntimas das pretensões do ser humano em sempre se dispor entre o ato de pensar e o espaço" (SANTOS, 2011, p. 156). Além do homem e da

natureza, abre-se uma reunião do estilhaçado da diferença terrena em múltiplos mundos. Enquanto visão de mundos, assume-se: "A Geofilosofia pretende ser o anúncio e a promessa deste lugar invisível, onde tudo se mostra à sua raiz profundamente reunificada, desse único coração que faz pulsar uma pluralidade infinita de mundos" (RESTA; IRINEU, 2019, p. 37). Com essa alocação da verdade no âmago da identidade de diferenças, na interação entre a natureza múltipla e o homem racional, tem-se a geografia como fundo humano na Natureza. Assim, a geografia é a própria natureza humana, ou ainda, é a Terra semeadora de mundos.

A geofilosofia é o quadro da geograficidade, pintando a natureza em uma moldura infinita. Outrossim, a humanidade é irradiação a partir da experiência (senciente), do corpo (consciente) e, como anteparo, da Terra (existente). Condiz-se, portanto, que: "A geofilosofia é uma linha de pensamento recente interessada na revalorização, de âmbito teórico, prático e multidisciplinar, das paisagens e dos espaços naturais ou construídos" (SARGENTO, 2010, p. 187). A geograficidade aparece no vórtex de espaços (topologias da natureza) com paisagens (topografias da natureza) diversas. De modo direto: "Todo o desenvolvimento espaço-temporal da Terra interessa à geofilosofia" (FERNANDES, 2023, p. 23). Disso, a historicidade da própria Terra conduz-se em um paralelo humano de constituição de si mesmo pela natureza. O retorno do ser à natureza é confidente do Homem através da história. Dito isso, alia-se que "a geofilosofia pretende interrogar os pressupostos, na convicção de que só indo à sua gênese, poderá ser capaz, talvez, de encontrar soluções adequadas" (BONESIO; RESTA, 2017, p. 29). Encaminhar a realidade humana à natureza, em uma genealogia da Terra, vem a ser a proposta da geofilosofia: perpetrando a geograficidade enquanto abertura existencial à natureza.

A experiência (natural) e a existência (humana) configuram-se em uma coligação da geograficidade distendida no espaço-tempo. Como método e exemplo, ressalta-se: "A filosofia, por isso, é também uma geofilosofia e o pensar se dá na relação entre o território e a terra. Até mesmo Kant [...] ao propor a sua revolução copernicana na relação entre sujeito e objeto, colocou o pensamento em relação com a terra" (FERNANDES, 2015, p. 60). Ainda, com mais ímpeto, entretece-se a humanidade em seu caminhar sobre a Terra, em entrelaçamentos de movimentos, fabricando – entre guerras, diásporas, nomadismos, refugiamentos etc. – a multiplicidade. Com efeito, demarca-se que: "A fidelidade junto à terra de Nietzsche, enquanto postura filosófica e imanente, expressa a mais abrangente dimensão de sua geofilosofia, a saber, um pensar-sentindo feito com os pés, [...] que experimenta a

real complexidade geográfica do mundo" (DAVIM, 2023, p. 157). De fato, a geofilosofia remonta o espírito humano pelo corpo estilhaçado em uma referência direta à Terra. Entre a territorialização e a desterritorialização, o corpo em movimento reconduz a geograficidade ao mundo em perpétuo devir.

A questão da Terra é o fundamento da geofilosofia, sendo uma genealogia primitiva de uma geograficidade configuradora dos mundos. Por esse sentido, considera-se que: "a desterritorialização absoluta do pensamento em sua relação com um território, ou seja, com as relações espaço-temporais qualificadas que são os *meios*, a geofilosofia deve poder constituir uma espécie de *dramatização em torno de modos de existência*" (SILVA, 2017, p. 48, destaques do autor). Desse modo, o território admite-se como complexão à geograficidade, um microcosmos da Terra, projetando a realidade do espírito. Fora dos limites do espaço físico e do tempo cronológico, constata-se que: "A geofilosofia é o movimento segundo o qual a Filosofia não assume o limite territorial para estagnar um conceito; ela toma o território como um espaço de trânsito, de circulação e meandro para o ato do pensamento" (COSTA FILHO, 2019, p. 40). Daqui, chega-se ao pensamento geográfico nietzschiano, a saber, retornando do entrelaçamento das paisagens – naturais e humanas – à desterritorialização do pensamento em uma genealogia da natureza humana.

Por fim, tenciona-se em Nietzsche um geógrafo da filosofia, tanto por incrementar a geografia em sua filosofia, quanto por fundamentar a filosofia ao sentido da geofilosofia. De fato, encontra-se na geofilosofia a orientação da geograficidade; a primeira, enquanto genealogia à Terra e a segunda, enquanto experiência de irradiação da existência na Terra. Assim, a Natureza no homem irradia o Homem na natureza. De outro modo, a Terra no Homem irradia o Homem na Terra. A geofilosofia leva à geograficidade, em um pensamento geográfico guiado, nem pela natureza, nem pelo humano, mas pela natureza humana. A realidade geográfica assume-se no ínterim da experiência (natural) e da existência (humana), entrelaçando paisagens e territórios a serem transpassados rumo ao coração aterrado da humanidade. A abertura à Terra é a natureza humana, a geograficidade: pronta à movimentação dos corpos e à fabricação dos mundos.

## Genealogia da Terra

> *O homem, uma pequena e inquieta espécie de animal que – afortunadamente – tem o seu tempo; a vida sobre a Terra, em geral, não passa de um instante, de um incidente, de uma exceção sem consequências, algo que permanece insignificante*

> *para o caráter-global da Terra; a Terra ela mesma, como de resto todo astro, é um hiato entre dois nadas, um acontecimento sem plano, razão, vontade, autoconsciência, a pior espécie de necessidade: a necessidade cega... Contra essa consideração, algo se revolta em nós; a víbora vaidade fala-nos que "tudo isso deve ser falso: pois isso revolta... Poderia tudo isso não ser apenas uma aparência? E o homem, a despeito de tudo isso, para dizer com Kant"*
>
> (Nietzsche, 2008, p. 172)

O que dizer com Kant? – haja vista Nietzsche suprimir – Todo o idealismo seria possível para reafirmar a teimosia em admitir a Terra como ideal e não real. A frieza do real é uma interpretação humana, no emocionalismo de sua própria sensação de insignificância. Em sentença, Nietzsche (2017, p. 197) professa: "Ensinei-lhes todos os meus pensamentos e todas as minhas aspirações: a concentrar e a unir tudo o que no homem não é mais do que fragmento e enigma e cruel acaso" Nesse sentido, exibe-se a crítica ao pensamento cristão da elevação da vida fora da Terra e do Mundo, seja ao céu, seja ao inferno, visando à afirmação do mundo aparente como verdadeiro. Os valores cristãos contradizem a natureza, firmando a perda dos sentidos terrenos e mundanos: "A antiga instauração de valores até aqui dá à vida a perspectiva de um espaço supra-sensível e supraterreno — *fenexeiva*, 'além' —, no qual a 'verdadeira ventura' é preservada, em contraposição a esse 'vale de lamúrias' que se chama terra e mundo" (HEIDEGGER, 2010, p. 381). O retorno ao pensamento do verdadeiro no conteúdo do aparente, apesar do niilismo da fugacidade da vida e da própria Terra, é característico da concepção filosófica nietzschiana.

Há, porém, uma descontinuidade sobre a natureza, pela visão terrena de Nietzsche, no decorrer das fases de sua obra. De modo geral, o autor situa a geograficidade pela condição existencial entre a naturalidade, pela realidade e a humanidade, pela idealidade; todavia, em específico, variam-se as intencionalidades. Pode-se dizer que: "Costuma-se dividir a obra de Nietzsche em três fases: uma primeira que se define pela sua metafísica de artista, a segunda que sai em defesa da ciência e, por fim, a dita fase 'positiva' da filosofia de Nietzsche" (SANTOS, 2014, p. 58). Ademais, coligam-se a primeira fase com a terceira, tornando a segunda, uma transição de pensamento, ao que: "existem três principais fases do pensamento de Nietzsche e certas diferenças sutis em cada uma. As fases seguem o esquema da divisão tradicional: juventude, período intermediário e maturidade" (CORTEZ, 2020, p. 214). De um modo ou de outro, a tripartição mantém-se em virtude de categorizar a obra nietzschiana, explicitando diferenças no sen-

tido de fabricação de críticas cada vez mais profundas acerca da relação entre o homem e a natureza.

Reter o pensamento do filósofo a uma relação trinária é eficaz para uma compreensão de transformações em panorâmica. No entanto, é destacável que em um mesmo livro há diversos (e intencionais) retrabalhamentos conceituais, haja vista as multiplicidades de perspectivas entrelaçadas. Porém, em uma marcação mais rígida, podem-se definir: a primeira fase entre 1869 e 1876, marcada pela obra *A origem da tragédia proveniente da música* (NIETZSCHE, 2006), atrelada ao pessimismo romântico; a segunda fase entre 1876 e 1880, a partir de *Humano, demasiado humano* (NIETZSCHE, 2005), ligada ao positivismo cético e psicofisiológico e, por fim, a terceira fase entre 1881 e sua morte em 1900, marcada por *Aurora* (NIETZSCHE, 2007), vinculada ao positivismo trágico na exegese da existência humana (NETO, 2017, p. 14). Com isso, salientam-se fases pertinentes a uma configuração de identidades constituídas de diferenças. O intento maior é explanar os horizontes comuns de análise da vasta obra do autor, ao que, neste trabalho, visa-se a uma leitura mais fluida e menos engessada, a fim de encontrar em toda a orquestra do pensamento nietzschiano o sentido da percussão geográfica.

A concepção da geofilosofia instiga um percurso, através das três fases nietzschianas, de prospecção imperativa da Terra. Ao marco da primeira fase nietzschiana, em *A origem da tragédia proveniente da música* (NIETZSCHE, 2006) de 1872, marca-se uma discussão sobre a verdade – a deusa nua – orientada em achados subterrâneos, porém incapaz de atravessamento do todo terreno:

> Não existiria a ciência, se ela somente se importasse com aquela única deusa nua, e com nada mais. Porque então seus discípulos deveriam sentir-se como aqueles que quisessem furar a terra; compreendendo cada um destes que, com o maior e vitalício esforço, só poderia furar um pedaço pequenino de tal imensa profundeza e que este pedaço seria coberto ante seus olhares pelo trabalho do próximo, de modo a um outro fazer bem em escolher, por conta própria, um outro lugar para as suas experiências. Se agora alguém se põe a provar, até convencer, que por este caminho direto é impossível atingir os antípodas, quem quererá continuar a trabalhar nas profundezas antigas, a não ser que se contente em achar pedras preciosas ou descobrir leis da Natureza (NIETZSCHE, 2006, p. 136-137).

Ao percurso para além da Terra, conforme a segunda fase do pensamento nietzschiano, tem-se a inflexão da discussão para o sentido existencial defronte à Terra. Ainda, encara-se a seguinte passagem de *Humano, demasiado humano* (NIETZSCHE, 2005) de 1878: "Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra

[...] ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; [...] nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança" (NIETZSCHE, 2005, n. 638). A verdade humana conclama a própria natureza terrena, pois, a etiologia da razão é a Terra. Nisso, as diferenças estilhaçadas são ajuntadas pelos movimentos congregados em sentidos. Outrossim, ao impulso de *Aurora* (NIETZSCHE, 2007) de 1881, torna-se o homem um ser ativo de operação de prospecção da Terra: "Neste livro encontra-se agindo um ser 'subterrâneo' que cava, perfura e corrói" (NIETZSCHE, 2007, n. 1). Do ser terreno ao ser subterrâneo, da segunda fase à terceira, afasta-se subsequentemente o Humano do supraterreno. Com efeito, no encontro humano com a Terra, o ser geográfico aproxima-se até esburacá-la, ou seja, atravessá-la para tornar a existência cada vez mais real e cada vez menos divina.

Por essa trajetória, instiga-se a Terra como fundamento geofilosófico, guiando-se para a constituição da geograficidade. Certamente, o núcleo do sentido de geograficidade, promovendo a origem geográfica das sensações, está em *Assim falava Zaratustra* (NIETZSCHE, 2017) de 1883, ápice da terceira e última fase nietzschiana. Nessa obra, promove-se a superação humana pela própria naturalização humana, isto é, situando a natureza como própria da natureza humana; nesse passo, marcam-se três importantes passagens: 1) "Pois bem, eu vos anuncio o super-homem. Ele é esse mar. Nele, vosso grande desprezo irá se perder" (NIETZSCHE, 2017, p. 18); 2) "Vede, eu vos anuncio o super-homem. É ele esse raio! É ele esse delírio." (NIETZSCHE, 2017, p. 19); 3) "Quero ensinar aos homens o sentido de sua existência, que é o super-homem, o relâmpago que surge da sombria nuvem chamada Homem" (NIETZSCHE, 2017, p. 25). Como mar, raio e relâmpago o super-homem supera o ser que deseja apartar-se de todo o entorno terreno. A origem e, tão logo, o fim humano é a própria natureza. A geograficidade é a própria experiência da existência, portanto, é a natureza do humano em sua vontade de potência sobre a Terra.

A natureza e o homem, em uma integralidade disjuntiva, aliam-se enquanto geograficidade: relacionando as experiências, fabricadas pela natureza no humano, com as existências, fabricadas pelo humano na natureza. Assim, o super-homem encontra uma topologia consensual: "O cimo da montanha é o refúgio geofilosófico de Zaratustra, o exílio que escolhera para enfastiar-se de sol, do dourado e brilhante mel do saber. No topo, o sábio andarilho pode se afastar dos maus odores dos pântanos, da confusão e dos falatórios das cidades" (DAVIM, 2023, p. 161). Por esse quadro, Nietzsche ressalta que a natureza não é externa ao humano, pois o humano é natureza;

também, o humano não é interno a natureza, pois é naturalmente racional. Dessarte, entende-se: "um simples olhar lançado para a terra firme, o único pensamento de que talvez não fôssemos feitos para nadar, o menor sobressalto de nossa natureza anfíbia — são suficientes para nos levar a cometer um pecado!" (NIETZSCHE, 2007, n. 89). A geograficidade é um retorno e um progresso à natureza, sem projetar o homem como animal, mas o homem como super-homem, a saber, ciente da natureza de sua natureza.

Nesse sentido, prospecta-se a Terra como fundamento geográfico da experiência à existência. Isso ao tônus da naturalidade humana, tornando a natureza como questão humana, indo-se para o super-homem e não, embora também natural, ao animal. Então, formula-se a indagação: "O homem existe para ser superado. Que fizeste para o superar? Até agora todos os seres criaram alguma coisa superior a si mesmos. E vós, quereis ser o refluxo desse grande fluxo e, em vez de superar, preferis retornar ao animal?" (NIETZSCHE, 2017, p. 17). A natureza que se supera é a existência geográfica. Zaratustra, na floresta na qual vivia, encontra no super-homem uma superação dos vícios, na virtude de cada personagem que se apresenta: da riqueza (dois reis), da gula (mendigo por opção), da religião (papa), do sedentarismo (viajante), da verdade (ilusionista) e da vaidade (o mais feio dos homens). De tal modo, a condição de torna-se natureza é ser a natureza pela virtude da natureza no humano: expressando-se a autêntica capacidade de superação.

Enquanto ser natural, para o ser geográfico, a existência geográfica é, em princípio, o próprio corpo irradiado. Com isso, atentam-se à imanência e à transcendência coligadas no espaço-tempo: "Ao afirmar o caráter corporal do homem, estamos longe de assinalar que ele é natureza material: ele deixa de ser um 'ente ideal', como sustentava o idealismo, mas tampouco pode ser considerado como um 'ente material'. [...] Daí que Nietzsche celebre isso como uma libertação" (BARRENECHEA, 2009, p. 135). Isso posto, entende-se, no idealismo, o desencontro humano com a natureza, ao que o romantismo confere ao humano sua naturalidade. Por isso, verifica-se dizer que: "O homem é o animal doente, o mais e prolongadamente doente entre todos os animais porque é também o animal não fixado, sendo assim o grande experimentador consigo mesmo" (GIACÓIA JUNIOR, 2013, p. 24). O homem é, portanto, um animal a ser superado, todavia aberto em sensações íntegras de experiências geográficas, conduzindo-se a ser uma natureza posta no interregno da realidade e da idealidade.

A geofilosofia ancora a geograficidade em uma prospecção da Terra, não somente escavando em busca da verdade, mas também, atravessando em

pauta existencial. A experiência é existência e a existência é experiência, tal como a natureza é humana e o humano é natureza. Nessas conversões, percebe-se o corpo pela Terra e a Terra pelo corpo. Além disso, a geograficidade admite-se através das fases nietzschianas em um pensamento geográfico cada vez mais afinco nessas relações: experiência-existência, natureza-homem e corpo-Terra. A geograficidade é a própria realidade e idealidade da natureza humana, concebe-se como superação da natureza em uma natureza de superação. Conforme Nietzsche desenvolve seu pensamento geográfico, a geofilosofia torna-se mais pertinente pela integralidade fenomenológica, admitindo dialéticas conexas de um mesmo mundo humano em perpétuo movimento de diferenciações. É a Terra o sentido existencial da experiência humana, transcendendo-se em múltiplos mundos estilhaçados.

## Considerações finais

O Romantismo, como espírito, concebe uma perspectiva humana entre a imanência e a transcendência. Enquanto movimento alemão do século XIX, influenciou a filosofia, a ciência e a arte em difusão de uma orientação honesta sobre a humanidade; na qual consideram-se o individualismo, o subjetivismo, o egoísmo... em relação com a sociedade, a razão, o corpo... Interliga-se, então, a existência (humana) com a experiência (natural), produzindo-se uma relação entre o Homem e a Natureza como: autocontidos, independentes e relacionais. O movimento romântico, portanto, abrigou a discussão da filosofia da natureza cujo cerne é a filosofia do homem. Está o homem na natureza, pois também é natureza, por isso, há natureza humana; porém, o homem não é a natureza, pois projeta-se para além da natureza no Humano. De todo modo, é a Terra o ínterim entre a experiência e a existência, entendida de modo múltiplo e, sobretudo, entendida como a própria geograficidade múltipla.

Nesse horizonte, tem-se a geofilosofia como marco de Nietzsche para o pensamento geográfico experiencial e existencial a partir da prospecção da Terra. A geofilosofia é o quadro colorido pelas geograficidades. Ademais, a geofilosofia é a genealogia da Terra pela experiência de irradiação da existência, de outro modo, é o caminho (geofilosófico) à natureza humana (geograficidade). Com isso, há uma cartografia da filosofia aberta pelos territórios e pelas paisagens convertendo as existências em experiências e as experiências em existências sobre a Terra. É a própria filosofia uma geografia, pela perspectiva do homem na natureza (dimensionada pelo consciente) e da natureza no homem (dimensionada pelo inconsciente). Há na geofilosofia

a orientação do Mundo pela Terra, contra as dimensões supramundanas e supraterrenas, em uma geograficidade entre a idealidade e a realidade.

A genealogia da Terra encontra a existência geográfica pela experiência geográfica de irradiação. O pensamento geográfico nietzschiano transpassa suas três fases: a primeira fase entre 1869 e 1876, marcada pelo pessimismo romântico; a segunda fase entre 1876 e 1880, marcada pelo positivismo cético e psicofisiológico e, por fim, a terceira fase entre 1881 e sua morte em 1900, marcada pelo positivismo trágico. Durante esse processo, a questão da Terra inicia-se como distante do humano, um antro da verdade, tornando-se cada vez mais um sentido existencial da natureza humana. Ao ápice, pela obra *Assim falava Zaratustra*, trata-se da relação do homem como natureza, com a virtude de superação, evocando o super-homem pela natureza em sentido de superação dos vícios. A geograficidade admite-se como natureza humana de superação da Natureza, estilhaçando-a em múltiplas naturezas inclusive para si mesma a partir da diversidade de espíritos sobre a Terra.

Nessa concepção geográfica nietzschiana, parte-se da geofilosofia para chegar-se na geograficidade. A genealogia da Terra atinge a experiência vivenciada pelo corpo irradiado, confluindo a existência geográfica, imersa na natureza. Com efeito, a experiência é natural – em uma geografia da natureza – e a existência é humana – em uma geografia do homem. Rompe-se, aqui, com a dicotomia entre a geografia física e a geografia humana, afinal, o homem é físico (empírico) e o físico é humano (transcendente). Não há mundos sem o fundamento epistemológico da Terra. A Terra é o quadro, com molduras infinitas, contendo o ser geográfico (a geograficidade) em um estilhaçado de diferenças de múltiplos meios e situações no espaço-tempo. Confirma-se, por fim, a possibilidade de pensar a objetividade pela subjetividade e a subjetividade pela objetividade. O conhecimento geográfico é filosófico e a filosofia é geográfica. Disso, a geografia possui a responsabilidade de discutir a existência pela experiência, ou seja, o homem pela natureza ●

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENECHEA, Miguel. Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superficialidade *In*: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel; PINHEIRO (Orgs.) **Nietzsche e o gregos**: arte, memória e educação, assim falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, S/P.

BONESIO, Luisa; RESTA, Caterina. **Entrevista sobre a Geofilosofia**. Uberlândia: Regência e Arte Editora, 2017.

CORTEZ, Renan. Para além do realismo e do idealismo (resenha). **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v. 41, n. 2, p. 211-221, 2020.

COSTA FILHO, William. A geofilosofia dos conceitos vivos: Roberto Esposito e as dimensões do pensamento italiano. *In*: COSTA, William; AZEVEDO, Jéferson; DÉCOTHE, Joel. (Org.). **Filosofia(s) sobre múltiplos olhares**: filosofia(s) para tempos presentes. Criciúma: Unesc, 2019, v. 1, p. 38-170.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVIM, David. "As Forças em luta": segredos entre Nietzsche, Bachelard e Dardel sobre as vontades da Terra. *In*: **Anais do XI ENANPEG** – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, Presidente Prudente, p. 5329-5340, 2015.

DAVIM, David. O cimo e o abismo: o pensamento geofilosófico entre Nietzsche e Heidegger. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 12, n. 1, p. 152-178, 2023.

DAVIM, David; MARANDOLA JR, Eduardo. Cinco visões sobre a terra na geofilosofia de Nietzsche. **Geousp – Espaço e Tempo**, v. 22, n. 3, p. 729-746, 2018.

DAVIM, David; MARANDOLA JR, Eduardo. Nietzsche e seus encontros com a Geografia: da geofilosofia à filosofia da geografia. **Geografia** (Rio Claro. Online), v. 43, n. 2, p. 297-318, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do Romantismo. *In*: GUINBERG, Jacob (Org.). **O Romantismo**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, p. 23-50, 1993.

FERNANDES. Paulo. Por uma Terra de (e para) todos: introdução ao geofilosofar. **Tese** (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

FERNANDES, Paulo. Uma geofilosofia do cotidiano e dos lugares: modernidade e representações no (e do) trem de passageiros na região do triângulo mineiro. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FERRAZ, Cláudio. Geofilosofia: de Nietzsche para a Geografia. **Geograficidade**, v. 7, n. 2, p. 17-37, 2017.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**: o humano como memória e como promessa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GORI, Pietro. *Nietzsche, Mach y la metafísica del yo*. **Estudios Nietzsche**, n. 11, p. 99-112, 2011.

GUINBERG, Jacob. Romantismo, Historicismo e História. *In*: GUINBERG, Jacob (Org.). **O Romantismo**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, p. 13-21, 1993.

GÜNZEL, Stephan. *Nietzsche's Geophilosophy*. **Journal of Nietzsche Studies**, New York, v. 25, n. 1, p. 78-91, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MOISÉS, Carlos. **Poesia e Realidade**: ensaios acerca da poesia brasileira e portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1977.

NETO, Euclides. Nietzsche: o corpo como expressão da vida enquanto fio condutor da vontade de poder. **Dissertação** (Mestre em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia proveniente do espírito da música**. Online: eBooksBrasil, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como filosofar a marteladas. São Paulo: Lafonte, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NUNES, Benedito. A visão romântica. *In*: GUINBERG, Jacob (Org.). **O Romantismo**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, p. 51-74, 1993.

RESTA, Caterina; IRINEU, Paulo. **Geofilosofia**. Ituiutaba: Barlavento, 2019.

RIBEIRO, Raquel. Romantismo: contextualização histórica e das artes. **Dissertação** (Mestrado em Música) – Instituto Politécnico de Castelo Branco, 90 p., 2010.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SANTOS, Felipe. O veneno da História ou a História de um veneno: Nietzsche e a construção da filosofia histórica. **Kínesis**, v. 6, n. 12, p. 58-73, 2014.

SANTOS, William. O conceito de geofilosofia em Deleuze e Guattari. **Revista Pandora Brasil**, n. 34, p. 155-169, 2011.

SARGENTO, Pedro. Geofilosofia, biocentrismo e empatia. **Babilónia, revista lusófona de línguas, culturas e tradução**, n. 8-9, p. 187-195, 2010.

SCHACHT, Richard. O naturalismo de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, v. 29, p. 35-75, 2011.

SHAPIRO, Gay. *Nietzsche's Geophilosophy and the Direction of the Earth*. **Journal of Nietzsche Studies**, n. 35/36, p. 9-27, 2008.

SILVA, Cleber. Geofilosofia: imagens de mundo em variação. **Ensaios filosóficos**, v. 15, p. 46-64, 2017.

VITTE, Antonio; SPRINGER, Kalina. A Geografia, a Natureza e o impasse da Modernidade: o Romantismo e as possibilidades interpretativas para a questão ambiental. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral-CE, v. 12, n. 1, p. 9-24, 2010.

WAINWRIGHT, Joel. Nietzsche contra o mundo real. **Revista metodologias e aprendizados,** v. 5, p. 174-184, 2022.

Esta obra adota a licença
Creative Commons CC-BY 4.0
Atribuição 4.0 Internacional

Artigo recebido em: 06/02/2025
Artigo aprovado em: 25/03/2025
Artigo publicado em: 03/04/2025